



SEM MAIS

NO FURTHER

Thaís Leão Vieira<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0001-8439-266X>

Recebido em: 30 de outubro de 2021.  
Revisão final: 13 de novembro de 2021.  
Aprovado em: 15 de novembro de 2021.

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.14792>

*O corpo noutra corpo entrelaçado, fundido, dissolvido, volta à origem*

- DRUMMOND

Agora ela se lembrava bem. Na noite de 12 de março Luiza ouviu no rádio a notícia da primeira morte de covid-19 no Brasil. “O que virá depois?” Sem discernir ao certo as imagens em sua cabeça, levantou os vidros do carro e murmurou algo para o chofer do táxi. Algo que a reconfortasse. Decidiu parar em um restaurante antes de ir para casa. Quem sabe comida japonesa para lembrar a última vez em que jantaram juntos. Engraçado como até aquele momento nunca havia pensado em comida japonesa e sexo; a única vez foi naquele dia em que, enquanto ela comia sushi, Caio passava as mãos nas suas coxas. Não sabia o que dizer, apenas levantou a cabeça e sorriu incrédula. O impulso de sorrir revelava uma intimidade do desejo. Agora se lembrava e via o quanto, sendo consumido cru, tinha o poder fálico do gosto umedecido da água do mar. “Talvez por isso os japoneses tenham tantos fetiches... Bobagem”. Lembrava-se de cada detalhe. Os jantares, a saliva dele misturando com a sua, o quarto apertado de hotel, a baga de baunilha ao lado da cama e o peso do corpo. “E agora?” Que tolice, ir comer comida japonesa no dia em que ouviu sobre o cenário catastrófico que estava anunciado para ficar perto de Caio. Era como se, exausta,

---

1 Doutora em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Brasil. Professora adjunta do Departamento e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Brasil. Autora de “Allegro Ma Non Troppo: ambiguidades do riso na dramaturgia de Oduvaldo Vianna Filho” e “Vianinha no Centro Popular de Cultura (CPC da UNE): nacionalismo e militância política em Brasil-Versão Brasileira (1962)”, ambos pela editora Verona. Foi coordenadora do XVI Congresso da Sociedade Internacional dos Estudos de Humor Luso-Hispânico que ocorreu pela primeira vez no Brasil em 2015 em Cuiabá-MT, sendo membro dessa Sociedade. Organizadora, juntamente com João Ferreira (Portugal), Lucía Aranda (EUA) e Louis Imperiale (EUA), de três volumes sobre estudos do humor, publicados respectivamente em 2015, 2016 e 2017, tributários dos congressos internacionais da International Society for Luso-Hispanic Humor Studies/Sociedade Internacional de Estudo do Humor Luso-Hispânico. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4604071943987756>. E-mail: [thaisleaovieira@gmail.com](mailto:thaisleaovieira@gmail.com)

não suportasse a terra ruir. Precisava da beleza flamejante da carne crua, marinha, deslizando umedecida no céu da boca. Daquele dia, Luiza guardou um bilhete que escreveu em pedacinho de papel no restaurante — “lágrima, mar, êxtase”.

Agora tudo era diferente. As dores cotidianas, as incertezas, o sentimento do medo, tudo fez Caio ligar dois dias depois. Nunca fazia isso.

Luiza atendeu dizendo qualquer coisa, com ar de preocupada.

— Tá tudo bem?

— Sabe... eu gosto de você. Eu gosto muito de você.

— Você tá bem? — ela insistiu.

— Estou sufocado, Luiza. Não saberia dizer se pela crise sanitária-política-existencial que estou metido. Esse país é uma merda. Nós estamos fodidos e eu quero ficar perto de você.

— Sim, tá tudo muito difícil. Mas, você tem a mim.

— Como é que você tem tanta certeza?

— É que transar e estar junto não é a mesma coisa. Você nunca leu **A insustentável leveza do ser?**

— Você vem?

— Pra onde?

— Morar comigo?

— Olha, esses dias eu ouvi que a gente não sabe se está fazendo escolhas nesse momento porque quer ficar junto ou porque está na Arca de Noé. Sabe? Você tá na arca e não tem outra opção.

Riam baixinho.

— Você consegue rir disso, Luiza!? Estou falando sério.

— Tá bem, eu vou. Mas, com uma condição.

— Qual, jaguatirica?

— A gente vai dançar todas as noites e viver a noite-dos-monturos se amando.

— Vem logo!

Dias depois, estavam andando nus pela casa. Às vezes só da cintura pra baixo. Na mesa de café havia livros espalhados e um *post-it* que ela havia colado escrito: “O mundo pode acabar amanhã. Transem!” Caio ria-se sempre que ela levantava lasciva, tirava toda a roupa e dizia apontando pra mesa: transa comigo? Devastação e expansão da pandemia eram lembradas na casa por um vaso de flores murchas que deixavam no canto da sala para se lembrarem de que a morte é um ente e tinha um cheiro mais fétido. Ante tamanho horror, choraram juntos algumas vezes. Mortos de sede, provaram um do outro. Na amargura dos tempos, aprenderam que não existe o lado de fora. Era assim que, às vezes menos românticos, às vezes mais eróticos, a ponta dos dedos serviram-se, sorveram-se. Aquela expressão de gozo próximo toda vez que Caio sugava sua vulva. A língua em brasa...levantava a cabeça.

— Eu amo seu cheiro.

— Me beija.

— Cem beijos.

— Gosto do meu gosto na sua boca. Posso te pedir uma coisa?

— Agora? Todas.

— “Me faz gozar até morrer de rir até chorar e mais me faz tremer morder e pedir mais e engasgar de rir”.

O volume da música se confundia com os gemidos. Foi obsceno. Como era de costume.

— Como essa música. Exatamente “como dois animais”.

Restavam a vida e o desejo que viveram. Uma vez mais ajudaram a construir uma trincheira entre a hecatombe e a gota-de-mel trazida por Oxum. Axé. Axé. Axé.

— Senta aqui ao meu lado?